

## A SEMANA – 210\*

7 de junho de 1896

A questão da capital, – ou a questão capital, como se dizia na República Argentina, quando se tratou de dar à província de Buenos Aires uma cabeça nova, própria, luxuosa e inútil, – a nossa questão capital teve esta semana um impulso. Discutiu-se na câmara dos deputados um projeto de lei, que o Dr. Belisário Augusto propõe substituir por outro. Este outro declara a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro capital da República. Não é preciso acrescentar que o fundamentou eloquentemente; este advérbio acompanha os seus discursos. Foi combatido naturalmente, sem paixão, sem acrimônia, com desejo de acertar, visto que a Constituição determina que no planalto de Goiás seja demarcado o território da nova capital, e já lá trabalha uma comissão de engenheiros; mas, estipulando a mesma Constituição, art. 34, que ao Congresso Federal compete privativamente mudar a capital da União, entendeu o Dr. Belisário Augusto que esta cláusula, se dá competência para a mudança, também a dá para a conservação; argumento que o Dr. Paulino de Sousa Júnior declarou irrespondível.<sup>1</sup>

Todo o esforço do deputado fluminense foi para conservar a esta cidade o papel que lhe deram os tempos e a história. Fez, por assim dizer, o processo da Constituinte. “Os homens têm ilusões, disse S. Ex.,<sup>2</sup> e as assembleias também as têm.”<sup>3</sup> Poderia acrescentar

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 158, p. 1, 7 jun. 1896), SEMMA (p. 320-324) e SEM1953 (v. 3, p. 193-198). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> A Constituição de 1891 estabelecia a competência do Congresso para decidir sobre transferência da capital federal do Rio de Janeiro para o planalto central. (Ver CONSTITUIÇÃO da República dos Estados Unidos do Brasil – Art. 3º, das “Disposições preliminares”, e Art. 34, do capítulo IV) A questão da mudança da capital estava em discussão no Congresso, no Rio de Janeiro, em 1896.

<sup>2</sup> disse S. Ex.,] disse S. Ex. – em GN e em SEMMA. Acatamos a correção de Aurélio Buarque de Holanda.

<sup>3</sup> Na sessão da Câmara dos Deputados do dia 1º de junho de 1896, esteve em discussão o projeto n. 60 A, de 1895, declarando federal o território demarcado no Planalto Central pela comissão exploradora. O deputado Belisário [Augusto Soares] de Sousa se pronunciou sobre a questão, e, em sua fala, foram pronunciadas estas palavras: “O homem tem ilusões, as assembleias têm-nas igualmente”. (ANAIS da câmara dos deputados, v. II, sessões de 1 a 30 de junho de 1896, p. 41) Embora esse volume dos ANAIS tenha sido publicado em 1896, Machado de Assis leu a informação no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 155, p. 3, col. 4-6, 3 jun. 1896).

que as ilusões das assembleias são maiores, por isso mesmo que são de homens reunidos e o contágio é grande e rápido; e mais difícil se torna dissipá-las. S. Ex. pensa que a revolta de 6 de setembro<sup>4</sup> teria vencido se o governo não estivesse justamente aqui. Bem pode ser que tenha razão. Creio nas prefeituras, mas para a defesa da República acho os cônsules mais aptos. Podeis redarguir que, convertida em Estado, esta cidade teria o seu governador, a sua Constituição, as suas câmaras; mas também se vos pode replicar que se o nosso Rio de Janeiro,

Ce pelé, ce galeux, d'où nous vient tout le mal,<sup>5</sup>

tem por perigo o cosmopolitismo, este mesmo cosmopolitismo seria um aliado inerte da rebelião, e a autoridade de um pequeno Estado poderia menos, muitos menos, que a do próprio governo federal.

Não estranheis ver-me assim metido em política, matéria alheia à minha esfera de ação. Tampouco imagineis que falo pela tristeza de ver decapitada a minha boa cidade carioca. Tristeza tenho em verdade; mas tristezas não valem razões de Estado; e, se o bem comum o exige, devem converter-se em alegrias. Não senhor; se falo assim é para combater o próprio Dr. Belisário Augusto, por mais que me sinta disposto a concordar com ele. Parece-vos absurdo? Tende a paciência de ler.

Depois de perguntar qual das outras cidades disputou a posição de capital da República, o deputado fluminense fez esta interrogação: “Qual foi o movimento popular que impôs ao congresso a necessidade da mudança da capital?”<sup>6</sup> Realmente, não houve movimento algum; mas, eu viro-lhe o argumento, e não creio que me refute. Sim, não houve movimento. Mas a própria cidade do Rio de Janeiro não reclamou nada, quando se discutiu a Constituição, não levou aos pés do legislador o seu passado, nem o seu presente, nem o seu provável futuro, não examinou se as capitais são ou não obras da história, não disse coisa nenhuma; comprou *debentures*,<sup>7</sup> que eram os bichos de então. Agora mesmo que o orador fluminense insta com o congresso para ver se a capital aqui fica, o Rio de Janeiro não insta também, não pede, com o direito que tem todo cidadão e toda comunidade de procurar haver o que lhe parece ser de benefício público. Não ouço discursos reverentes, não vejo deliberações pacíficas, nem petições, já não digo do conselho municipal, a quem incumbe velar pela felicidade dos seus munícipes, porque é

<sup>4</sup> 6 de setembro de 1893 – início da Segunda Revolta da Armada.

<sup>5</sup> “Esse esfolado, esse sarnento, de onde nos vem todo o mal.” [Trad. nossa] Verso da fábula “Les animaux malades de la peste”, de Jean de La Fontaine (1621-1695). Machado de Assis traduziu a fábula, com o título “Os animais iscados da peste”, em que vem esse verso – “[...] bicho nefando, / Empesteado autor de tal calamidade”. Essa tradução foi incluída em “Ocidentais”, nas *Poesias completas* (ASSIS, 1901, p. 331-333).

<sup>6</sup> Na mesma sessão da Câmara dos Deputados mencionada na nota 3, o mesmo deputado Belisário Augusto fez esta pergunta: “Qual foi o movimento popular que concitou a parte do Congresso, impondo tanto quanto uma opinião se pode impor ao legislador constituinte, à necessidade da mudança da Capital?” (ANAIS da câmara dos deputados, v. II, sessões de 1 a 30 de junho de 1896, p. 40) Na imprensa: *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 155, p. 3, col. 4-6, 3 jun. 1896).

<sup>7</sup> *debentures*,] debêntures, – em SEM1953.

natural que essa corporação aspire às<sup>8</sup> funções constitucionais de parlamento, com promoção equivalente de seus povos; mas os povos, que fazem eles ou que fizeram?

A conclusão é que o Rio de Janeiro, desde princípio, achou que não devia ser capital da União, e este voto pesa muito. É o decapitado *par persuasion*.<sup>9</sup> Assim é que temos contra a conservação da capital, além do mais, o beneplácito do próprio Rio de Janeiro. Ele será sempre, como disse um deputado, a nossa Nova York. Não é pouco; nem todas as cidades podem ser uma grande metrópole comercial. Não levarão daqui a nossa vasta baía, as nossas grandezas naturais e industriais, a nossa rua do Ouvidor, com o seu autômato jogador de damas, nem as próprias damas. Cá ficará o gigante de pedra, memória da quadra romântica,<sup>10</sup> a bela Tijuca, descrita por Alencar em uma carta célebre,<sup>11</sup> a lagoa de Rodrigo de Freitas, a enseada de Botafogo, se até lá não estiver

<sup>8</sup> às] as – em GN. Seguimos a correção de Aurélio Buarque de Holanda (1953, p. 196), que, em nota, diz: “Na *Gazeta de Notícias* está *as*, certamente erro de revisão: o autor usa *aspirar*, neste sentido, corretamente regido de *a*.”

<sup>9</sup> “por persuasão”. [Trad. nossa]

<sup>10</sup> O “gigante” é a uma cadeia de montanhas que lembra a figura de um gigante deitado de costas ao longo do litoral carioca – a figura se estende por bairros das zonas Sul e Oeste (Barra da Tijuca, São Conrado, Leblon, Ipanema, Copacabana, Botafogo e Urca). Gonçalves Dias celebrou a figura em “O gigante de Pedra”, que vem no livro *Últimos cantos*, de 1851. (DIAS, 1998, p. 373-377)

<sup>11</sup> Em 1868, Castro Alves – então, com 21 anos de idade – viajou para o Rio de Janeiro com a atriz Eugênia Câmara, por quem se apaixonara no Recife. Alencar, que já era um escritor famoso, recebeu-o em casa, nas montanhas da Tijuca. A visita foi registrada em carta a Machado de Assis, a quem recomendava o jovem poeta, publicada no *Correio Mercantil* (ano XXV, n. 53, p. 2, col. 2-3, 22 fev. 1868). Transcrevemos o trecho da carta em que Alencar descreve a Tijuca: “Finalmente estava eu na Tijuca. / O Sr. conhece esta montanha encantadora. A natureza a colocou a duas léguas da corte, como um ninho para as almas cansadas de pousar no chão. / Aqui tudo é puro e são. O corpo banha-se em águas cristalinas, como o espírito na limpidez deste céu azul. / Respira-se à larga, não somente os ares finos que vigoram o sopro da vida, porém aquele hálito celeste do Criador, que bafejou o mundo recém-nascido. Só nos ermos em que não caíram ainda as fezes da civilização, a terra conserva essa divindade do berço. / Elevando-se a estas eminências, o homem aproxima-se de Deus. A Tijuca é um escabelo entre o pântano e a nuvem, entre a terra e o céu. O coração que sobe por este genuflexório para se prostrar aos pés do Onipotente, conta três degraus: em cada um deles, uma contrição. / No alto da *Boa Vista*, quando se descortina longe, serpejando pela várzea, a grande cidade réptil, onde as paixões rastejam; a alma que se havia atrofiado nesse foco do materialismo, sente-se homem. Embaixo era uma ambição; em cima contemplação. / Transposto esse primeiro estádio, além para as bandas da Gávea, há um lugar que chamam *Vista Chinesa*. Este nome lembra-lhe naturalmente um sonho oriental, pintado em papel de arroz. É uma tela sublime, uma decoração magnífica deste inimitável cenário fluminense. Dir-se-ia que Deus entregou a algum de seus arcanjos o pincel de Apeles, e mandou-lhe encher aquele pano de horizonte. Então o homem sente-se religioso. / Finalmente chega-se ao *pico da Tijuca* o ponto culminante da serra, que fica do lado oposto. Daí os olhos deslumbrados veem a terra, como uma vasta ilha a submergir-se entre os dois oceanos, o oceano do mar e o oceano do éter. Parece que estes dois infinitos, o abismo e o céu, abrem-se para absorver um ao outro. E no meio dessas imensidades, um átomo, mas um átomo-rei de tanta magnitude. Aí o ímpio é cristão e adora o Deus verdadeiro. / Quando a alma desce destas alturas e volve ao pó da civilização, leva consigo uns pensamentos sublimes que do mais baixo remontam à sua nascente, pela mesma lei que faz subir ao nível primitivo a água derivada do topo da terra. / Nestas paragens não podia meu hóspede sofrer jejum de poesia. Recebi-o dignamente. Disse à natureza que pusesse a mesa, e enchesse as ânforas das cascatas de linfa mais deliciosa que o falerno do velho Horácio. / A Tijuca esmerou-se na hospitalidade. Ela sabia que o jovem escritor vinha do norte, onde a natureza tropical se espeneja em lagos de luz diáfana, e orvalhada de esplendores abandona-se lasciva como uma odalisca às carícias do poeta. / Então a natureza fluminense que também, quando quer, tem daquelas impudências celestes, fez-se casta e vendou-se com as alvas roupagens das nuvens. A chuva a borrifou de aljôfares; as névoas delgadas resvalavam pelas encostas como as fimbrias da branca túnica roçagante de uma

aterrada,<sup>12</sup> mas é possível que não; salvo se alguma companhia quiser introduzir (com melhoramentos) os jogos olímpicos, agora ressuscitados pela jovem Atenas...<sup>13</sup> Também não nos levarão as companhias líricas, os nossos trágicos italianos, sucessores daquele pobre Rossi,<sup>14</sup> que acaba de morrer, e apenas os dividiremos com S. Paulo, segundo o costume de alguns anos. Quem sabe até se um dia...

Tudo pode acontecer. Um dia, quem sabe? lançaremos uma ponte entre esta cidade e Niterói, uma ponte política, entenda-se, nada impedindo que também se faça uma ponte de ferro.<sup>15</sup> A ponte política ligará os dois Estados, pois que somos todos fluminenses, e esta cidade passará de capital de si mesma a capital de um grande Estado único, a que se dará o nome de Guanabara. Os fluminenses do outro lado da água restituirão Petrópolis aos veranistas e seus recreios. Unidos, seremos alguma coisa mais que separados, e, sem desfazer nas outras, a nossa capital será forte e soberba. Se<sup>16</sup> por esse tempo, a febre amarela houver sacudido as sandálias às nossas portas, perderemos a má fama que prejudica a todo o Brasil. Poderemos então celebrar o segundo centenário do destroço que aos franceses de Duclerc deu esta cidade com os seus soldados, os seus rapazes e os seus frades...<sup>17</sup> Que esta esperança console o nosso Belisário Augusto, se cair o seu projeto de lei.



---

virgem cristã. / Foi assim, a sorrir entre os nítidos véus, com um recato de donzela, que a Tijuca recebeu nosso poeta.” Em 1º de março de 1868, o *Correio Mercantil* publicou a carta-resposta de Machado de Assis a José Alencar. Em 1872, José de Alencar publicou *Sonhos d’Ouro*, romance que tem como cenário a Tijuca.

<sup>12</sup> A enseada de Botafogo não foi aterrada.

<sup>13</sup> A primeira Olimpíada da Era Moderna ocorreu em 1896, em Atenas. A segunda (1900), ocorreu em Paris, cidade em que nasceu o idealizador dos jogos olímpicos modernos – Pierre de Coubertin (1863-1937). Machado de Assis se refere aos Jogos Olímpicos em “A Semana – 146”, crônica de 17 de março de 1895. (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 73-77, jul.-dez. 2021)

<sup>14</sup> Ernesto Rossi (27 mar. 1827 – 4 jun. 1896), ator italiano. Ver matéria ilustrada ao final desta crônica.

<sup>15</sup> A ponte Rio-Niterói, inaugurada em 4 de março de 1974, atravessa a baía de Guanabara e liga o Rio de Janeiro a Niterói. A ideia de construir a ponte é do final do século XIX, mas apenas no século XX o projeto foi concretizado.

<sup>16</sup> Se] Se, – em SEM1953.

<sup>17</sup> Jean-François Duclerc (?-1711), corsário francês. Em 1710, organizou uma pequena frota e atacou a costa do Rio de Janeiro, de onde era escoado para Portugal o ouro trazido das Minas Gerais. O ataque fracassou, Duclerc foi capturado e, em 1711, assassinado em condições misteriosas no local em que estava detido.



## ERNESTO ROSSI

O grande actor dramático, cuja morte acaba de nos ser communicada pelo telegrapho, não era um desconhecido para os fluminenses que, por duas vezes, tiveram occasião de o apreciar nos nossos theatros.

Rossi precedeu Salvini, e ambos estes artistas exceptionaes, que representavam o mesmo repertorio, deram-nos n'aquelle tempo, ha mais de 20 annos, como antes a Ristori nos havia dado, a mais completa idea da perfeição na arte de representar.

Rossi estava por essa época no esplendor de todo o seu talento, no vigor de toda a sua arte.

Era profunda a impressão que elle produzia no publico, representando um repertorio variadissimo, encarnando-se nos personagens de caracter mais diverso e antagonico.

Um dia era Luiz XI, outro o Rei Lear, outro Kean, outro Shilok, e outro Nero.

Na concepção de alguns, se não de todos os papéis, havia entre Rossi e Salvini profundas divergencias. Pareciam mesmo de escolas diversas na reprodução de alguns personagens.

Salvini era mais sobrio no gesto, menos emphatico na declamação e menos cuidadoso dos effeitos sobre as platéas. Mas se o Othello ou o Hamlet de Salvini nos parecia mais humano, o Nero ou o Kean, ou o Romeu de Rossi nos deslumbrava muito mais.

Pondo, porém, de lado qualquer confronto, Rossi foi um dos mais notaveis artistas d'este seculo.

Nasceu em Livorno, em 1829, e aos dezesseis annos de idade abandonava os estudos juridicos para se entregar á arte

que tanto illustrou. Modena foi o seu mestre, como foi tambem o de Salvini. Rossi, depois de representar em Italia, já contractado, já com companhias de que era director ou empresario, começou a sua peregrinação por todas as grandes capitães e principaes cidades do mundo.

Em 1855 representou em Pariz com a Ristori, e o menog-que disse a critica parizienne, em geral tão reservada para tudo que não é francez, é que Rossi era o Thalma italiano. E a critica d'esse tempo era feita por J. Janin e por outros escriptores de igual competencia.

Em 1856, voltando a Pariz, representou o *Cid*, na *Comedie*, no dia da commemoração da morte de Corneille.

E' a maior homenagem que se pôde prestar a um artista estrangeiro.

Era um bello exemplar de homem. Apenas a cor dos olhos,—azues,—prejudicava algumas vezes o jogo da sua physiognomia. Mas tal estudo elle tinha, de tantos recursos dispunha, que não havia effeito que lhe falhasse.

Está bem de ver que a sua vida não foi de glorias colhidas em todas as capitães civilisadas, foi tambem de lucros e de aventuras amorosas.

Mais d'uma vez se deu em vida do artista a scena phantasista de Miss Kemby, no *Acan*.

A differença consiste em que não eram *miss* que o procuravam no seu camarão de artista: eram *ladies* que o convidavam para *os seus boudoirs*.

E se a lado lhe tirou as aventuras, a sorte roubou-lhe os lucros. Depois de millionario, perdeu todos os haveres e foi obrigado a voltar ao theatro, que havia abandonado para descansar.

### Ernesto Rossi

FONTE: *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 157, p. 1, 6 jun. 1896)

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### Referências

ALVES, A. de Castro. *Gonzaga ou A Revolução de Minas*. Drama histórico brasileiro, precedido de carta do Exm. Sr. Conselheiro José de Alencar e de outra do Ilm. Sr. Machado de Assis. Rio de Janeiro: A. A. da Cruz Coutinho, 1875.

ANAIS da câmara dos deputados. Sessões de 1 a 30 de junho de 1896. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896. v. II. Disponível em: <<https://bd.camara.leg.br/bd/>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 158, p. 1, 07 jun. 1896. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=14309](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14309)>.

ASSIS, Machado de. *Poesias Completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

CONSTITUIÇÃO da República dos Estados Unidos do Brasil. 1891. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao91.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm)>.

DIAS, Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Organização de Alexei Bueno; textos críticos de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.